

A OCUPAÇÃO DAS “TRIBOS” NO SKATE PARK DA ORLA DE ATALAIA EM ARACAJU/SE

Paula Aragão
Aluna do Programa de Pós-graduação/UFSC

Luciana Carolline Pina Garcia
Professora da Estadual de Educação em Sergipe

Cristiano Mezzaroba
Professor da Universidade Federal de Sergipe

Comunicação Oral: relato de pesquisa

Esporte, Cultura e Sociedade

Esta investigação realizada no complexo de lazer “Orla de Atalaia” em Aracaju-SE integra uma pesquisa construída pelo grupo de estudos Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Sergipe, denominada de Projeto Orla. A discussão do segundo eixo, dos três que compõem a pesquisa, promove uma aproximação da forma de ocupação dos espaços existentes e das pessoas que compartilham dos equipamentos de lazer.

Essa diversificação proporciona o encontro entre as pessoas que frequentam o complexo, transformando a Orla em um ponto de encontro da diversidade de grupos sociais denominados de tribos¹. Este recorte da pesquisa enfoca a tribo de skatista e o equipamento pista de skate onde os grupos apresentam uma organização que gera nas pessoas uma identidade com o grupo e com o local, o sentimento de pertença. Diante do fluxo constante de skatistas na pista do Complexo de Lazer Orla de Atalaia buscamos identificar a tribo dentro do seu convívio, enfocando seus interesses em relação ao equipamento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tribo: marca cultural e meio de socialização

¹ Utilizaremos aqui o sentido que Pais (2004) formulou, um modo de convivência geradora do sentimento de pertença, consequentemente de identidade.

Toda cultura² é marcada pelo tempo e espaço presentes. As formas de vida apresentadas no decorrer das evoluções civilizatórias tornam frequentes o aparecimento de grupos de pessoas que se adéquam às modificações decorrentes da modernidade que se impõe. As mudanças exprimem outras exigências para a realidade atual, novas adaptações também em termos sócio-culturais.

Segundo Hack; Pires (2005), os agrupamentos entre os indivíduos constituem formas de socialização nas quais a juventude encontra referências e liberdade a partir das situações vivenciadas, das experiências, percepções e atuações no grupo, assim, a criação de novos modos de vida como uma necessidade das novas gerações. O agir coletivo torna-se não somente uma referência, mas um modo permanente de adequação e formação de modelo ideológico de convivência entre os jovens. De acordo com Pais (2004), a submissão e a subversão como formas de adequação à sociedade são diariamente enfrentadas pelos jovens que buscam o reconhecimento social, jovens que criam a cultura do seu tempo, jovens que procuram raiz identitária e moldam seu modo de ser no mundo. Nas tribos, as pessoas encontram modos de desenvolvimento intelectual humano e progresso cultural.

CONTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

A construção deste estudo configurou-se como uma pesquisa Qualitativa/Descritiva (MINAYO, 2007; TRIVIÑOS, 2006). Filmagens e fotografias serviram de suporte para as análises dos acontecimentos juntamente com as anotações do Diário de Campo (DC), ações que possibilitaram o desenvolvimento do processo de entrevista, no modelo semi-estruturado. Os dados da pesquisa foram coletados durante um período de um ano e um mês, entre os meses de dezembro de 2008 e janeiro de 2009. No período de um ano ao passo que fomos identificando a freqüência no mínimo de utilização semanal das tribos, realizamos paralelamente as entrevistas e filmagens que deram embasamento à descrição dos locais específicos nos quais encontramos também aspectos diferenciados, desde manutenção à localização ou trecho do complexo, levando em consideração os seis quilômetros de extensão.

Cara de Sapo Skate Park, complexo de esportes radicais que até 2008 era o único no Brasil que possuía todas as especificações técnicas para a realização de competições de nível internacional, é também pista de skate maior de Aracaju. Delimitamos o campo de investigação para as tribos que frequentavam espaços localizados em cada uma das etapas da

² De acordo com Chauí (2006, p. 250-251) o termo cultura é plural, pois os sistemas de proibição e permissão (leis), as instituições sociais, religiosas, políticas, os valores, as crenças, os comportamentos variam de formação social para formação social e podem variar numa mesma sociedade no decorrer do tempo.

orla e que realizassem práticas corporais esportivas ou de lazer, somando estes aspectos aos fatores: dias e horários de maior aglomeração (sexta-feira, sábado e domingo no turno vespertino e noturno) e tempo de permanência no local por dia (superior a uma (01) hora). De acordo com os critérios de investigação destacamos a tribo dos skatistas, meninos e meninas que compartilham o mesmo espaço, sem grupos femininos ou masculinos, tribos mistas com idade média entre doze e vinte e cinco anos.

ANÁLISES

Orla de Atalaia, sinônimo de um momento de lazer, de diversão, de entretenimento, torna-se para nós pesquisadores um verdadeiro “Ponto de Observação”. Um parêntese para o tempo de lazer, ou seria para o tempo ocioso, o tempo do não-trabalho? Seja qual for destas opções, a finalidade do treino ou da diversão movem a tribo em direção ao Complexo de Lazer Orla de Atalaia sem, contudo, questionar porque são obrigadas a se deslocar, muitas vezes de locais distantes, e ainda pagar para usufruir, ou fazê-lo em condições precárias quando não existe taxa de acesso.

Dentre os motivos que impelem os grupos a se agradarem do Skate Park, destacamos a identificação com a prática e a aceitação do grupo, demonstrando o caráter do tempo livre de incentivo à criação, expressão e satisfação coletiva, considerando neste aspecto, o sentimento de pertença em relação a alguma tribo como demonstração da função de socialização desses grupos apontada por Hack; Pires (2005), eles enfatizam em seus estudos a importância da identidade de uma tribo, das principais características que consolidam sua existência.

Atenção voltada à pista de skate, as marcas ora aparecem e desaparecem ao longo das reformas e dos gostos dos pichadores. Frisamos que visitas posteriores aos locais nos remeteram ao período de observação, no qual o Skate Park esteve em péssimo estado de conservação (pintura, limpeza e iluminação), no entanto, nas visitas em 2011 novas pinturas foram feitas unicamente com o estilo grafiteagem, diferente das gravuras encontradas nos períodos anteriores, porém os skatistas já alegavam que isso sempre ocorria quando a pista sediava algum evento.

As pessoas se identificam de acordo com seus gostos e estilos, se tornam parte de uma identidade social. As tribos são o exemplo de convivência e usufruto de uma prática em comum sem preocupação ou compromisso com algo além daquele espaço, pois é um tempo de inspiração, criação e de aceitação do outro do jeito independente de idade e gênero. Encontramos contradições no tocante ao espaço público – destinado ao lazer – e a relação

econômica/turística. Ora, por que os agentes públicos não desenvolvem políticas de reestruturação e/ou construção de outras pistas de qualidade nos bairros e nos parques? Grandes corporações hoteleiras, bem como os bares e restaurantes estão localizados na Orla e, portanto, no mundo da estética da mercadoria (HAUG, 1997) e da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) é preferível esconder os problemas nos próprios bairros, ou seja, deixar a “sujeira debaixo do tapete”.

Notamos que há relação de proximidade com o espaço e com os companheiros de mesmo grupo, das “tribos”, um momento entre amigos, um espaço oportuno à aceitação dos modos “de ser e de estar” do exótico, daquele que no sentido puro da palavra é “ex”, fora da ótica comum da sociedade, de acordo com Pais (2004). Porém, a relação entre as próprias tribos é por vezes conflitante, não existindo relações de proximidades entre elas, mesmo as tribos dos skatistas, patinadores e ciclistas que obrigatoriamente ocupam o mesmo espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço furta as distinções, os skatistas se misturam e desfrutam de seus atrativos igualmente para treinar e preencher seu tempo livre. Eles atribuem o seu interesse em frequentar o Skate Park à estrutura e dimensões, mas principalmente por ser um espaço público, fator que atrai skatistas locais e de outros estados devido a sua utilização para campeonatos. A frequência dos skatistas é quase diária, com maior fluxo nos finais de semana e devido à localização a pista atende normalmente à demanda da zona sul. Pôde-se identificar insatisfação nos frequentadores com relação à segurança, organização e manutenção do espaço, além disso, a presença de ciclistas e patinadores já o transformou em palco de violência. A tribo marca o espaço pelas indumentárias “largadas” e ou “punks”, gírias e apelidos. Alguns dizem se sentirem marginalizados, por serem comparados aos consumidores de substâncias ilícitas que frequentam a pista; e pelo abandono do lugar por seus organizadores, com ressalva da época de campeonatos, quando trocam refletores e retocam a pintura, normalmente pichada. O grupo afirma não se identificar com aquela “sujeira” (pichação), já a grafiteagem é aceita como uma característica marcante no espaço.

No entanto, a ocupação do Skate Park Cara de Sapo na Orla de Atalaia está ocupado por grupos com uma relação de amor, satisfação e paixão, explicado por todos eles nas entrevistas. Homens em sua maioria, mas também mulheres (merecem destaque) que aderem à prática corporal com a qual se identificam, o que garante uma relação de

proximidade e identidade entre as “tribos” e os seus equipamentos, mesmo quando integram mundos tão distantes, por vezes separados pelo fator capital.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2006.

COSTA, Antonio Galdino; PIRES, Giovani De Lorenzi. Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens de ensino médio. Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, 3, *Anais eletrônicos...* Santa Maria: 20 a 23/Set/2006.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUMAZEDIER, Jofre. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* *Pesquisa Qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar*. In: Revista da Educação Física/UEM. Maringá, pp 1-30, v. 21, n. 3, 2010.

HACK, Cássia; PIRES, Giovani De Lorenzi. *Lazer e mídia no cotidiano juvenil*. Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 17, *Anais eletrônicos...* Campo Grande, 9 a 12/Nov/2005.

HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: UNESP, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007.

PAIS, José Machado. *Tribos Urbanas: produções artísticas e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.

PIRES, Giovani De Lorenzi. *Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. *Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física*. In: Org. BETTI, Mauro. *Educação Física e Mídia, novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Huicitec, 2003.

RIBEIRO, S. et al. MCSL – *Lazer, Comunidade e Universidade: registro de uma ocupação pacífica*. Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Santo André-SP, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2006.

<http://www.skatistaonline.com/category/cidade/aracaju>, acesso em 30 de março de 2011.

Paula Aragão
Rua Júlio Dácia Barreto, 191, casa C
Bairro Saco dos Limões
Florianópolis-SC
CEP: 88040.520
aragao_paula@hotmail.com